A SIMBOLOGIA NOS MONUMENTOS HISTÓRICOS DE PORTUGAL: UM ESTUDO DA POSSÍVEL PRESENÇA DE SIMBOLISMO MAÇÔNICO*

MARCEL HENRIQUE RODRIGUES**

Resumo: *apresentam-se alguns resultados obtidos durante a execução de uma Bolsa de Estágio em Pesquisa no Exterior concedida pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) de Março a Junho de 2013. Amparada na historicidade das fontes bibliográficas, a pesquisa buscou por símbolos tipicamente maçônicos em três destacados monumentos portugueses, mediante visitas técnicas. Após a coleta de dados e de frequentes encontros com os orientadores, buscamos também a opinião de outros especialistas portugueses. Os resultados preliminares destacaram que os símbolos encontrados fazem parte de uma longa coletânea de símbolos místicos, porém, por falta de referências bibliográficas que tal certifiquem, não podem ser apontados como maçônicos. Os sinais encontrados em pedras dos alicerces de diversas construções podem atestar a historicidade da chamada Maçonaria Operativa..*

Palavras-chave: *Simbologia. Arquitetura. História. Maçonaria. Psicologia.*

A reflexão aqui apresentada beneficiou da pesquisa documental, sobretudo no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e na Biblioteca Nacional de Portugal, das pesquisas de campo que consistiram em visitas a significativos monumentos portugueses, que possuem forte carga simbólica, e de encontros com pesquisadores portugueses que atuam na mesma área da presente pesquisa.

Com o apoio teórico e histórico proporcionados pela documentação, demos início às visitas técnicas, que se concentraram em três complexos arquitetônicos situados em Lisboa e suas imediações: o Mosteiro dos Jerônimos, a Quinta da Regaleira e a Baixa Pombalina. Tais visitas resultaram em relatos sobre o simbolismo do local, bem como sobre a sua possível conexão maçônica. Os estudos efetuados nestes sítios foram amparados em fontes bibliográficas que apontaram que muitos destes monumentos não possuem necessariamente o simbolismo maçônico.

* Recebido em: 10.01.2013. Aprovado em: 25.02.2014.

** Centro Universitário Salesiano. *E-mail*: marcel_symbols@hotmail.com

Ao fim de cada visita, todo o material coletado, muitas vezes através de fotos, foi analisado e estudado com base nas referências bibliográficas, seguindo-se discussão com o orientador.

Muitas discussões foram levadas a outros pesquisadores com os quais tivemos a chance de debater, entre eles estão o Dr. Rui Freitas, presidente da Associação Rosa-Cruz de Portugal, o Dr. Antonio Ventura, professor catedrático em história e curador da Biblioteca do Grémio Lusitano, o Dr. José Calazans da Universidade Lusófona, o escritor Paulo Loução e o Sr. Salvador Quintas, maçom pertencente ao Grémio Lusitano. Todas as discussões foram muito válidas para aprofundamento do tema pesquisado.

O presente trabalho demonstrará que boa parte da simbólica investigada não se relaciona necessariamente à Maçonaria. Embora muitos destes símbolos pareçam ter relação com o contexto maçônico, os mesmos devem ser interpretados à luz dos documentos históricos existentes. Ainda assim, podemos afirmar que todos os símbolos pesquisados são de caráter místico e estão envolvidos em um véu de mistério.

DESCRIÇÃO DO TRABALHO REALIZADO

Um Estudo do Mosteiro Dos Jerônimos: análise dos símbolos e das marcas encontrados na estrutura do local

Um dos lugares mais turísticos de Lisboa, o Mosteiro dos Jerônimos, se tornou palco para os estudos desta pesquisa. Uma investigação realizada previamente forneceu amplos dados sobre a existência de sociedades de pedreiros medievais que, imbuídos dos segredos das artes de construção, erguiam monumentos, sobretudo igrejas, com diversos sinais e símbolos ocultos. Essa teoria pode ser muito bem vista e comprovada no Mosteiro dos Jerônimos.

É argumentado, como revela Loução (2007), que muitos símbolos pagãos, ou seja, que não tiveram suas origens no Cristianismo, permanecem por ornamentar templos e igrejas em diversos países, sobretudo no continente Europeu. É conhecida, sobretudo na Idade Média, a existência de associações de pedreiros que se dedicavam exclusivamente à arte da construção de igrejas. Como se tem discutido, existe a hipótese de que estes pedreiros, além de trabalharem na pedra, formavam um clube filosófico que se aprofundava no estudo dos símbolos e do esoterismo. Os frutos destes estudos eram difundidos com a simbologia cristã, mesclando assim, de forma sutil, a arquitetura do local com símbolos cristãos com o esotérico-pagão.

Partindo destes pressupostos e tendo o Mosteiro dos Jerônimos como um dos símbolos do Cristianismo em Portugal, fizemos a nossa visita ao local com cunho de investigação.

Um dos especialistas que muito aprofundou a história deste Mosteiro foi Alves (1989), que data a fundação do lugar no dia 6 de janeiro de 1502. O autor aborda que todo o monumento foi sendo construído aos poucos, ou seja, a ornamentação ocorreu de modo gradual. Sendo assim, não é possível afirmar com claridade científica que um determinado grupo de pedreiros tenha influenciado com simbologia pagã a decoração do mosteiro, se bem que é evidente a utilização de símbolos não cristãos na estrutura.

Entretanto, o autor chama a atenção para o magnífico plano arquitetônico do local, sobretudo pela impressionante projeção que o sol faz sobre o Sacrário:

> Mas comprazem-se, particularmente, no que acontece em duas épocas do ano, ou seja de 13 de fevereiro até 20 dias antes do equinócio da Primavera, durante quase um mês; e de 28 de Outubro até ao

> 30º dia após o equinócio do Outono, durante mais de um mês. Então, desde a hora de véspera até ao pôr-do-sol, 'seus raios de outro, entrando pela parte ocidental, na distância de 450 passos, por linha directa de todo o côncavo do dormitório, coro e igreja, até ao sacrário, fazem mais vistoso todo o pavimento, do que se um ourives o dourasse a fogo. Parece que pede licença o Sol a seu Criador para ausentar-se nas breves horas nocturnas, de tão insigne convento, prometendo que logo ao nascer o tornará a ilustrar...' (Frei Diogo *apud* ALVES, 1989, p. 45).

Todo este relato é facilmente percebido durante uma visita ao Mosteiro. A maneira como a luz penetra pelos vitrais dá uma sensação de grande luminosidade ao local. Não há dúvidas de que os construtores deste Mosteiro tinham conhecimento astronômico para confeccionar tal estrutura, que faria com que os raios solares iluminassem o Sacrário em determinado período do ano.

Por outro lado, notamos que toda a simbologia que adorna o local está muito próxima de um culto à natureza. É possível observar diversas figuras de animais, figuras antropomorfas em meio a vegetações, figuras onde o animalesco se mescla com as formas do corpo humano. Enfim, existe dentro e fora do mosteiro toda uma simbologia atípica à simbologia cristã. É evidente, e sem sombra de dúvidas, que existem muitos elementos pagãos fundidos aos símbolos do Cristianismo no Mosteiro dos Jerônimos.

Há bastante dificuldade para afirmar que a simbologia do Mosteiro advém de um grupo específico de pedreiros que desejaram incutir antigos conhecimentos ocultos. Essa dificuldade se dá pelas inúmeras alterações que passou a estrutura do Mosteiro durante os séculos, principalmente os abalos sísmicos fizeram com que o Mosteiro fosse reformado, ou parcialmente reconstruído, mais de uma vez.

Alves (1989) confirma a dificuldade em conhecer com exatidão o que realmente cada símbolo do Mosteiro significa. Estranhas figuras antropomórficas e teriomóficas estão espalhadas por todo o local. Muito provavelmente o seu real significado tenha se perdido, porém, dentro de um contexto antropológico e da psicologia das crenças, as imagens nos levam a crer que se trata de um culto à natureza.

Devido a esta dificuldade e a não exatidão do que realmente significa os símbolos expostos no Mosteiro, partimos para outro curioso jogo simbólico que, de maneira bem mais singela, adorna o Mosteiro.

Para expormos sobre estes símbolos ou sinais, é interessante lembrar o que seria a "Maçonaria da marca". Os estudiosos Prescott et al (2011), relatam que, durante o período das construções das antigas igrejas medievais os pedreiros, ou maçons operativos, adotavam certos sinais ou signos próprios para registrarem o seu trabalho em pedra. Ou seja, cada pedreiro tinha um sinal que lhe era próprio. O objetivo deste sinal era identificar o trabalho que um determinado pedreiro realizava, sendo assim, se um pedreiro talhasse uma pedra o mesmo assinava a pedra com o seu sinal. Isso servia para identificar o trabalho daquele determinado pedreiro e assim lhe conferir o pagamento pelo serviço prestado.

Perante esta explicação, encontramos no Mosteiro dos Jerônimos as ditas marcas em muitas pedras. Essas marcas são sinais, nem sempre identificáveis, como cruzes, números romanos e até mesmo o próprio esquadro e o compasso.

Um dos sinais, que conseguimos identificar, é o símbolo astrológico de Saturno, o que pode indicar que estes pedreiros tinham, de fato, algum conhecimento esotérico, como atestam as fontes bibliográficas atuais.

É impressionante a quantidade de símbolos que se encontram espalhados pelo Mosteiro. Perante esta grande quantidade de símbolos, as interpretações para tais são inú-

meras. Entretanto, nos parece evidente que a simbologia do local deseja evocar algo a mais do que a típica tradição cristã. É muito comum encontrarmos figuras de demônios, seres em transformação alquímica, entre outras imagens atípicas para uma igreja cristã.

É importante mencionar que a arte Renascentista que, segundo Alves (1991), influenciou a decoração do Mosteiro, tencionava a uma retomada ao antigo conceito de religiosidade que remonta ao período pré-cristão. Esta antiga concepção tende a valorizar os aspectos da natureza e os traços do corpo humano, reintegrando o homem com a natureza.

Esta concepção de religiosidade é encontrada na simbologia do local. Podemos fazer um paralelo com o desenvolvimento dos estudos das antigas tradições esotéricas que permearam todo o período Renascentista, principalmente com a redescoberta de textos gnósticos e platônicos, como afirma Fulcanelli (2007).

Estes autores, que afirmam que a arte Gótica e Renascentista foram influenciadas pela retomada de antigos conceitos religiosos, podem estar imbuídos de total razão após uma visita a um sítio como o Mosteiro em questão. Os símbolos que lá se encontram, além de apresentarem uma nítida ligação do homem com a natureza, apresentam-se também com uma atmosfera de mistério, pois é possível encontrar, com muita facilidade, seres em formas demoníacas, e outros símbolos que evocam a transformação espiritual do homem.

Segundo Fulcanelli (2007) estes símbolos, conhecidos como símbolos herméticos, possuem ideias e conceitos extremamente complexos que levam ao homem a uma verdadeira busca espiritual através da reflexão e contemplação silenciosa do simbólico.

Em conclusão, é possível verificar uma porção de símbolos místicos em todo o local. Estes símbolos não são comuns no seio da simbólica cristã, pois apresentam como, por exemplo, demônios em mutação, ou seres femininos com corpo de animal. Este resultado nos leva a crer que conhecimentos ou tradições não cristãs tenham influenciado os decoradores do Mosteiro.

Embora a atual história da Maçonaria invoque para si a propriedade da construção e disseminação da simbologia esotérica, principalmente na construção de igrejas medievais, não podemos, com evidências históricas, implantar esse conceito na simbólica do Mosteiro dos Jerônimos, pois esta é datada de um período posterior a Idade Média. Entretanto, como menciona Gandra et al (2001), as marcas, ou sinais, inseridas nas pedras que sustentam o edifício, nos indicam que os antigos pedreiros medievais, de fato, faziam uso de sinais para marcarem a sua obra, levando-nos a crer que, de fato, existia uma classe de trabalhadores que operavam mutuamente na construção de igrejas, e que se denominavam de maçons, ou pedreiros operativos.

É importante apontarmos para esta simbólica esotérica que adorna um dos mais importantes monumentos religiosos de Portugal. Esta simbólica que, para muitos, é julgada de pagã, não é utilizada somente por atuais sociedades filosóficas, como a Maçonaria, mas é também utilizada para adornar templos cristãos, criando-se uma mistura simbólica entre o "sagrado e o profano". É necessário um estudo aprofundado da temática para entender o significado oculto por trás destas imagens que tiveram suas origens, em um período denominado Renascentista, em que se proliferou o estudo das antigas e místicas religiosidades pagãs.

Um Estudo da Quinta da Regaleira

A Quinta foi construída entre 1898 e 1910 por Carvalho Monteiro, e teve como arquiteto Luigi Manini. A construção inspira-se nos estilos arquitetônicos Manuelino e góti-

co tardio de Portugal. (ALVES,1985). O local pretendeu criar um ambiente onde o homem pudesse entrar em contato com a natureza. Era uma resposta frente a frenética vida moderna em que não sobrava espaço para a meditação diária dos sujeitos.

A simbólica da Quinta, juntamente com toda a sua construção, tende a fornecer ao homem um lugar psicológico e simbolicamente qualificado em que o espaço se condensa com o imaginário. A localidade de Sintra é historicamente um local onde a natureza se integra ao homem, e foi palco de diversas manifestações religiosas, principalmente as manifestações ligadas ao culto à natureza (AMARANTE, 2013).

A Quinta é exemplo do enaltecimento do imaginário humano. Seu intuito é reviver as antigas construções e ornamentações em contraposição ao atual estado da arte. Tanto o autor como o mestre construtor desejavam reviver a chamada religião natural do homem, ou seja, a busca pelo auto-aperfeiçoamento que nos dias de hoje se encontra esfacelado pela modernidade.

O simbolismo da Quinta é bastante ornamental. Lá encontramos a simbólica sincrética utilizada em todas as religiões. Esta mistura simbólica já é uma prova de que o autor dos jardins tinha em vista reviver certos aspectos da religiosidade humana principalmente no que concerne a eterna busca do homem pelo aperfeiçoamento espiritual.

Quanto à simbólica do local é importante frisar que, quando se estuda simbologia, aprendemos que um símbolo nunca possui um significado único e restrito, pelo contrário, um símbolo possui inúmeros significados. Portanto, conhecer o contexto em que um símbolo se encerra é essencial para darmos um significado a ele.

> Sem dúvida que um símbolo é polissêmico, mas se o situarmos num determinado contexto histórico e sócio-cultural, se o cotejarmos com outros elementos simbólicos vizinhos, verificaremos que a sua polissemia diminui, por vezes drasticamente, podendo tornar-se como que um documento histórico - é um facto que a interpretação simbólica resiste sempre algo de subjectivo, no quadro do contexto cultural objectivo do símbolo (ANES *et al.*, 1998, p. 79).

Encontramos símbolos de diversas religiões, culturas e filosofias espalhados por todo o jardim, conferindo-lhe o caráter simbólico-sincretista que havíamos citado. A construção deste jardim, no final do século XIX e início do século XX, aparenta ser, como já mencionamos, uma tentativa de recriar o cenário religioso que o homem atravessou durante o curso da História.

Existem muitas divergências entre os estudiosos da Quinta da Regaleira. Tive a oportunidade de me reunir com especialistas no assunto; porém, não existe unanimidade em afirmar a real intenção de Carvalho Monteiro em construir tal simbólico jardim. As informações sobre a ligação deste homem com a Maçonaria, ou outros movimentos de cunho esotérico, são desencontradas e não existe uma informação clara sobre sua ligação com grupos iniciáticos. É muito difundida a teoria de que a Quinta da Regaleira é uma construção maçônica, entretanto, por falta de informações e opiniões divergentes, não afirmaremos tal hipótese. Entretanto, o que não pode ser negado, ainda mais quando se faz uma visita ao local, é que Carvalho Monteiro tinha conhecimento e muito interesse por temas religiosos e esotéricos.

Assim como acontece no Mosteiro dos Jerônimos, o pagão e cristão se misturam na simbologia ornamental. Assim como existe, no interior da Quinta, uma capela cristã, encontramos também figuras de deuses e deusas greco-romanas espalhadas pelo jardim. Isso nos faz deduzir que Carvalho Monteiro tinha em mente a construção de um jardim em que

todas as crenças religiosas, principalmente ocidentais, pudessem se encontrar, formando um harmonioso local de meditação. Existe um sincretismo explícito por toda a Quinta.

Outro fator importante, e muito apresentável na Quinta, é o caráter de iniciação. Este caráter é antropologicamente atestado por Campbell (2010) que menciona a necessidade do ser humano de passar por ritos de passagens e iniciações durante as etapas de sua vida. Essa necessidade vem de encontro com a necessidade do homem de integrar a alguma parte da sociedade, ou seja, de se tornar membro de um grupo. O caráter iniciático das religiões é observado em uma visita à Quinta da Regaleira, sobretudo quando passamos por uma das inúmeras e escuras grutas e cavernas que foram escavadas nas rochas da Quinta.

Campbell (2010) relata que é uma herança bastante antiga este tipo de iniciação, no interior de cavernas escuras e úmidas. O que é presenciado na Quinta da Regaleira, pode ser análogo aos estudos de Campbell (2010) sobre os ritos primitivos de iniciação, ou ritos de passagem.

Ou seja, cada um destes ritos primitivos de passagem tinha como significado o renascimento do indivíduo para uma nova etapa de sua vida, até que ele atingisse a etapa final, que é a morte. Para tanto, segundo alguns estudiosos como Frazer (1978), as cavernas pré-históricas, famosas por suas pinturas rupestres, serviam como "santuário" para estes ritos de passagem ou de iniciação. É o que atesta Campbell (2010), que enfatiza que tais ritos se fundavam na simbólica do retorno ao útero materno, de nascer novamente, para a nova etapa da vida:

> É também um sinal notório nas entradas silenciosas e corredores escuros do antigo túmulo real irlandês de New Grange. Esses fatos sugerem que uma constelação de imagens simbolizando a imersão e dissolução da consciência nas trevas do não-ser deve ter sido empregada intencionalmente, desde os tempos remotos, a fim de representar a analogia dos ritos de passagem com o mistério da entrada da criança no útero para nascer. Essa sugestão é reforçada por mais um fato: as cavernas paleolíticas do sul da França e no norte da Espanha- datadas pela maioria dos especialistas em 30.000-10.000 anos a.C- foram certamente santuários, não apenas da magia de caça, mas também dos ritos da puberdade masculina. Uma terrível sensação de claustrofobia e, simultaneamente, de libertação de qualquer contexto do mundo lá fora, assalta a mente encerrada naqueles escuros abismos, onde a escuridão não é mais uma ausência de luz, mas uma força experimentada. E quando, naquelas cavernas, é lançada uma luz para revelar as belas pinturas de touros e mamutes, rebanhos de renas, cavalos em corrida, rinocerontes lanosos e xamãs dançando, as imagens assaltam a mente com marcar indeléveis. É óbvio que a idéia de morte-e-renascimento – renascimento através do ritual e com uma reorganização dos estímulos sinais profundamente estampados – é antiguíssima na história da cultura (CAMPBELL, 2010, p.65).

Esta simbólica, explicitada por Campbell (2010), é muito análoga à sensação de quando entramos em uma das cavernas da Quinta da Regaleira. Temos a impressão de que estamos mergulhados nas trevas, o que causa a sensação de medo, que logo passa, quando chegamos ao final de uma destas cavernas, onde há luz e, geralmente, uma fonte de água.

O ponto máximo destas "grutas iniciáticas" é o momento em que nos dirigimos, em meio à escuridão, para o chamado poço iniciático. Este poço nos leva para a superfície, ou seja, conforme caminhamos, através de uma escada espiralada, mais claro vai se tornando o ambiente, dando a sensação de que saímos da escuridão para a luz.

É bem provável que a teoria concernente de que a Quinta da Regaleira seja um projeto maçônico reside no fato da existência dos dois poços iniciáticos instalados no jardim. Isso deriva do fato de que em rituais maçônicos o neófito, ou seja, aquele que está sendo

iniciado, passa por uma câmara escura, em que é levado para a reflexão de sua vida; após essa reflexão, que tem a simbólica da morte e do renascimento, o indivíduo é levado para um local iluminado, representando a saída das trevas para o mundo de luz. Entretanto, esta analogia entre a iniciação maçônica e os poços da Quinta não fazem do jardim um ambiente de caráter exclusivamente maçônico.

O caráter iniciático está presente em praticamente todas as religiões do mundo. Principalmente em sociedades tipicamente iniciáticas, como a Maçonaria e a Rosa Cruz. E como mostrou Campbell (2010), tais iniciações e ritos de passagem aparentam ser uma característica cultural-antropológica do ser humano.

Em caráter de psicologia, a Quinta evoca muito sobre a necessidade humana de sofrer iniciações. A simbólica da caverna escura e a saída para a luz remonta a necessidade de simbolicamente morrer e renascer do homem, como observou Campbell (2010) ao estudar as crenças religiosas, desde os primórdios da humanidade.

Dolto (2011) serviu-se da Psicanálise para explicar que continuamente nossa vida é perpetuada por mortes e nascimentos, de forma inconsciente. A autora explica que, por exemplo, as etapas da existência, como a passagem da adolescência para a vida adulta, são marcadas inconscientemente por uma morte psicológica, o que quer dizer que estamos constantemente morrendo e renascendo. Este processo inconsciente deve permear a vida do sujeito não somente em etapas de mudança cronológica, como por exemplo, a passagem da adolescência para a vida adulta, mas sim, no nosso dia a dia, pois é visível nos dias atuais a luta do homem contra as adversidades da vida, como a violência, o falecimento de um ente querido ou o desentendimento familiar, ou seja, inúmeros acontecimentos desgastantes que, de certa forma, chamam a pessoa para recomeçar sua vida de uma outra forma, que possibilite ultrapassar as difíceis barreiras. Tal recomeço exige sua morte simbólica, a morte do antigo estilo de vida, para que seja possível o renascimento para um novo caminho da existência, na tentativa de construir uma vivência mais saudável. Esta evocação pode ser o cerne da simbólica das cavernas e poços iniciáticos da Quinta da Regaleira.

Embora existam divergências entre os intelectuais sobre as origens maçônicas do local, o que importa para esta investigação é visualizar a necessidade do homem em criar cenários místicos e simbólicos que lhe forneçam um acolhimento espiritual e lhes propicie um renascimento simbólico oferecido pelas inúmeras e escuras grutas da Regaleira.

Estudos sobre a Baixa Pombalina

A Baixa Pombalina, como é designada uma certa zona de Lisboa, abrange os seguintes lugares: o Terreiro do Paço, hoje conhecida como a Praça do Comércio, o Rossio, o Chiado e arredores (GAMA, 2005).

Gama (2005) refere que essas localidades recebem essa designação devido ao Marquês de Pombal (1699-1782), que fora secretário do então rei português D. José I.

Para incorrer sobre os possíveis símbolos da Baixa Pombalina, sobretudo da Praça do Comércio, devemos recorrer à história do local. Remontemos ao famoso terremoto que assolou Lisboa em 1755, destruindo grande parte da cidade. Sendo assim, necessitou-se levar a cabo um grande plano de reconstrução.

Como mencionam Faria et al (2012), este difícil período da história portuguesa forneceu margem para que o Marquês de Pombal se sobressaísse na reconstrução da cidade.

Sabemos que o Marquês era o que muitos historiadores chamam um déspota esclarecido, ou seja, estava influenciado pelas ideias do Iluminismo francês e de outros livres pensadores. Neste período, como sabemos, houve uma valorização da razão frente às instituições religiosas. Pombal se torna o símbolo deste despotismo em Portugal, pois, como se demonstrou, fora altamente influenciado pelos ideais Iluministas.

Estes ideais valorizavam a figura do monarca e diminuíam a influência de outras instituições, sobretudo as instituições religiosas. Pombal não fora um anticristão, porém, diminuiu fortemente a influência religiosa dentro da corte portuguesa e propôs um novo modelo de governança espelhada no esclarecimento e na razão humana. Este despotismo de Pombal levou muitos especialistas a enaltecerem-no como um dos expoentes do despotismo esclarecido, bem como um livre pensador que se pautava na razão humana e que lutava por um estado totalmente laico. É interessante que, após minucioso estudo, encontramos essas concepções em toda a simbólica da chamada Baixa-Pombalina.

O período da idade da razão culminou com o movimento Iluminista e teve seu ápice na Revolução Francesa. Segundo o Grémio Lusitano (2010), a Maçonaria esteve intimamente interligada a estes movimentos que enalteciam o valor humano e a capacidade do homem de pensar, sem se apoiarem em dogmas ou crenças religiosas. Ou seja, é lícito afirmar que a Maçonaria, juntamente com estes movimentos filosóficos e culturais, propunha uma rápida separação entre Estado e Igreja, e uma valorização do homem, como um ser autônomo e dotado de razão. Este estilo de pensamento chegou a Portugal e teve seu ponto máximo na figura do Marquês.

É explorado, como afirma o Grémio Lusitano (2011), que as origens da Maçonaria especulativa, tal como hoje está constituída, se dera através destes movimentos filosóficos que apregoavam a liberdade humana de pensar e de se expressar em contraponto com as "trevas" da ignorância. É apontado que muitas vezes estes movimentos filosóficos se chocaram com os dogmas religiosos, sobretudo os do Catolicismo. É neste período que surgem os primeiros antagonismos entre filosofia maçônica e religiosidade, na qual podemos observar em seu cume na Revolução Francesa.

Após este esboço histórico, em que aparece a figura de Marquês de Pombal, juntamente com o terremoto de 1755 que destruiu Lisboa, devemos nos voltar para as questões da simbólica da Baixa Pombalina, bem como a figura do próprio Marquês e sua possível participação em círculos maçônicos.

O que já nos torna uma evidência é que a Baixa Pombalina é fruto máximo do emblema Iluminista, bastando agora evidenciarmos se sua simbólica é maçônica ou não. Este apontamento Iluminista é demonstrado por Gama (2005), que salienta a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a reconstrução de Lisboa em 1755 e as influências Iluministas:

> Um dos aspectos que carece de um mais aprofundado esclarecimento é o facto de a reconstrução de Lisboa ser apresentada como um emblema do Iluminismo em Portugal. Tal afirmação pode parecer justificada porque estaremos diante de uma solução de matriz racionalista (GAMA, 2005, p. 16).

Existe uma forte discussão no meio acadêmico no que tange à possibilidade de Pombal ter sido maçom e, com isso, ter influenciado na simbólica da reconstrução de Lisboa. Conforme menciona o Grémio Lusitano (2010), em Portugal não há registro de que Pombal tenha pertencido a alguma Loja maçônica, entretanto, há uma possibilidade, ainda não descartada, de que o mesmo tivesse sido iniciado durante sua estadia em Londres, por volta

de 1738. Esta possibilidade é ainda assegurada visto que os ideais de Pombal são muito semelhantes aos ideais Iluministas, que fervilhavam no meio maçônico.

Outra indicação de que Pombal esteve muito próximo da filosofia maçônica, vem a ser o contrato firmado com o arquiteto Carlos Mardel (1696-1763), declarado maçom, para a remodelação e reconstrução da capital. Este contrato, como afirmam Matos *et al.* (1998), pode ter sido decisivo para a implantação de símbolos maçônicos na Baixa Pombalina.

Em meio a esta enorme quantidade de informações, o que se mostra evidente em primeiro plano é que Pombal, juntamente com os construtores e arquitetos, tinha por intenção reconstruir uma nova capital, uma nova Lisboa que estivesse à altura de seu poderio marítimo e comercial. Este intento teve seu ápice na construção da Praça do Comércio, porta marítima da cidade (FARIA *et al.*, 2012).

Com este amparo teórico, e situando a reconstrução de Lisboa em uma época em que o movimento Iluminista estava em seu auge, a visita à Baixa Pombalina nos coloca diante de um enigma: seriam os símbolos ali apresentados exclusivamente maçônicos, místicos, iluministas ou uma mistura dos três?

A porta Augusta torna-se o símbolo máximo de toda a praça e se encontra bem no centro da mesma. Tal porta, ou arco triunfal, interliga a praça do Rossio até a Praça do Comércio, através de uma rua também denominada de rua Augusta.

Faria (2012) nos mostra que o neoclassicismo vem a ser o estilo arquitetônico de tal arco. Este estilo, muito provavelmente, deseja evocar a importância de Lisboa frente a outras cidades europeias como Roma e Paris, que também possuem seus arcos triunfais. Quanto à simbólica, vemos, quando imbuídos de uma ótica da filosofia iluminista, a figura da Razão coroando as imagens da Indústria e do Comércio. Entretanto, a simbólica, tanto da praça como do arco não está confinada aos limites do Iluminismo.

Em uma visita pelo local, observamos diversos símbolos de tradição esotérica, ao começar pelos nomes das três principais ruas que ligam a praça a outras partes da cidade. Temos a rua do Ouro, a rua da Prata e a rua Augusta, sendo esta última a mais importante e que se localiza entre a rua da Prata e a do Ouro, ou seja, está no centro entre as duas mencionadas ruas. Como lembra Lurker (2003), os símbolos do ouro e da prata estão intimamente interligados ao culto do sol e da lua. É comum encontrarmos na simbologia religiosa o ouro como menção a uma divindade masculina e a prata, símbolo lunar, a uma divindade feminina.

A concepção simbólica de Lurker (2003) é percebida e estudada por Adrião (2010), que menciona a Baixa Pombalina como um projeto de Pombal requintada por símbolos místicos:

> Já antes, no período de D. João V, a 3 de Novembro de 1716, Lisboa havia sido dividida em duas partes, Oriental e Ocidental, para lhe dar a dupla face, Sol/Masculino/Ocidente por um lado, e Lua/Feminino/Oriente por outro, graças à intervenção geopolítica desse rei com fortes simpatias pela tradição do Quinto Império e pela Alquimia Nacional. Também no que respeita a empatia pela Tradição Hermética, o Marquês de Pombal manteve na cidade os seus 12 bairros (numericamente afins aos 12 signos do Zodíaco). Do Terreiro do Paço partem as três artérias principais: a Rua Augusta ladeada pelas Ruas do Ouro e a da Prata. Simbolizando o caduceu de Mercúrio que se compõe por uma coluna central em volta da qual sobem enroscadas uma na outra duas serpentes, negra e branca. É assim, pois, que no simbolismo tradicional, o ouro expressa o Sol e a prata a Lua, pelo que a Rua do Ouro corresponde ao aspecto solar do 'caduceu pombalino' e a Rua da Prata ao lunar, e, finalmente, a Rua Augusta simboliza o bastão central de fusão e síntese dessas duas forças polares primordiais (ADRIÃO, 2010, p. 60).

A tese de Adrião (2010) não está errada, visto que em diversas religiões e tradições esotéricas, a concepção de masculino e feminino está bastante presente. Tal concepção aparece, de certa forma, em praticamente todas as tradições religiosas mundiais.

Os símbolos presentes pelas ruas do Ouro, da Prata e Augusta fazem eco a essas interpretações. Sobretudo na Rua Augusta, é possível observar diversos símbolos do cauduceu de Hermes, que, segundo especialistas como Lurker (2003), representa a união do masculino (ouro) com o feminino (prata).

Tal simbologia, embora utilizada na ritualística maçônica, não fornece bases para se afirmar que se trata realmente de símbolos puramente maçônicos. A única conclusão que até agora temos é de que se trata de símbolos místicos.

Outro paralelo simbólico, presente na Praça do Comércio, refere-se às duas colunas do cais. Como é sabido, o símbolo das duas colunas é muito pertinente à Maçonaria que, segundo Moore (2009), representa as duas colunas do Templo de Salomão em Jerusalém. Tais colunas sempre se encontram na entrada dos templos maçônicos.

É interessante observar a semelhança entre as duas colunas, da simbologia maçônica, e as duas colunas do cais, que se encontram bem em frente à Praça do Comércio. Entretanto, mais uma vez, nos encontramos frente à falta de documentação que ateste que as colunas sejam propriamente maçônicas. Embora Adrião (2010) acredite que tais colunas sejam de caráter maçônico, o mesmo autor nos fornece uma outra indicação que pode esclarecer a simbólica da Praça do Comércio dentro dos ditames da cultura e tradição portuguesa.

Para este autor, as colunas do cais são uma representação maçônica para a entrada triunfante do rei D. José I, prefigurando um Imperador Universal. A temática do Imperador Universal e a mítica de um Quinto Império serão amplamente discutidas na conclusão deste trabalho.

Adentrando pelas ruas da Prata, do Ouro e a Augusta, nos deparamos com outros símbolos esotéricos e, neste caso, mais interligados com a temática maçônica, como é o caso do alto relevo das Mãos Unidas, que se encontra na esquina da rua do Amparo. Esta simbólica evoca, segundo Adrião (2010), a ideia de união e amparo. Tal alto relevo provavelmente foi concebido pelo já referido arquiteto, e maçom, Carlos Mardel.

Passando para a região denominada Chiado, encontramos outros símbolos tipicamente maçônicos. Entretanto, estes símbolos não foram confeccionados na época da reconstrução de Lisboa. Trata-se dos típicos azulejos portugueses, com simbologia da Maçonaria, que estão espalhados pelas paredes das casas, bem como na Cervejaria da Trindade.

Grémio Lusitano (2008) afirma que estes são símbolos genuinamente maçônicos, pois existem documentos históricos que comprovam tal construção com intenção maçônica, diferentemente dos outros símbolos encontrados na Baixa Pombalina.

Os símbolos em questão são tipicamente místicos, e foram confeccionados a mando do maçom Moreira Garcia, em meados do século XIX. Tais símbolos são as representações dos quatro elementos da natureza, além das representações personificadas da Indústria e do Comércio, bem como o famoso Delta Flamejante, símbolo máximo do Grande Arquiteto do Universo, e as representações do Sol (ouro) e da Lua (prata), ambos representando as polaridades masculinas e femininas.

Por fim, assim como nos monumentos anteriores, a Baixa Pombalina possui uma grande gama de símbolos místicos, que podem levar a uma interpretação maçônica, entretanto, a falta de documentos que atestem tal interpretação, nos impede de afirmarmos que se

tratam de símbolos propriamente maçônicos, assim como a figura do Marquês de Pombal e seu suposto envolvimento com a Maçonaria permanece como um enigma histórico.

CONCLUSÃO

Durante os primeiros meses de investigação, havia profunda convicção de que se encontraria facilmente a simbólica maçônica espalhada por diversos monumentos portugueses. Entretanto, esta perspectiva não encontrou apoio frente aos escritos científicos e frente aos símbolos encontrados nos monumentos.

Com as visitas técnicas, que incluíram o Mosteiro dos Jerônimos, a Quinta da Regaleira e a Baixa Pombalina, nos deparamos com uma incrível quantidade de símbolos místicos, entretanto, não podemos afirmar que se trata de símbolos maçônicos.

Embora muitos destes símbolos tenham caráter místico e que possam facilmente ser relacionado com a Maçonaria, a falta de documentação e a inconsistência das opiniões dos especialistas nos levam a postular que a simbólica nos referidos monumentos estudados não é de caráter exclusivamente maçônico.

Toda a simbologia observada e analisada tem um caráter místico e esotérico, que deve ser interpretada de acordo com o período histórico em que foi construída e com a localidade onde estes símbolos se encontram.

Em debate com o orientador, Prof. Alfredo Teixeira, e seguindo as referências bibliográficas, chegamos à conclusão de que grande parte desses símbolos encontrados nos monumentos são claramente referenciados a uma outra temática. Esta temática tem a ver com a chamada mística do Quinto Império português, muito difundida pela cultura portuguesa.

Tal tema consiste na crença, amplamente difundida na cultura portuguesa, de que haverá um momento na história mundial em que Portugal se sobressairá como um grande império. Tal império, denominado de Quinto Império, trará consigo uma nova era denominada de era do Espírito Santo.

A simbólica de tal nova era está arraigada na crença de uma nova religiosidade para o povo português. É certo que historicamente a crença do Quinto Império surgiu com as profecias de Joaquim de Fiore, abade italiano do século XII que postulou teses religiosas denominadas de milenarismo.

> Joaquim de Flora dividiu a História da Humanidade através de cálculos e analogias com acontecimentos narrados no Velho Testamento, cujos correspondentes ele identificava no Novo, em três etapas distintas: 1ª) a idade do Pai, que começava em Adão e acabava em Cristo, durando 1260 anos, e cuja história vinha narrada no Antigo Testamento; 2ª) a Idade do Filho, que também deveria durar 1260 anos, ou mais ou menos isso (o que possibilitou a místicos posteriores mudarem a data do início da Terceira Idade), cujo desenrolar estava descrito no Novo Testamento; e 3ª) a Idade do Espírito Santo, que se iniciará com a derrota do Anticristo e cujo texto sagrado seria o Evangelho Eterno, uma fusão dos dois textos anteriores (Velho e Novo Testamento), a orientar uma época de Fraternidade Universal, quando cristãos, judeus e árabes viveriam em paz numa atmosfera espiritualizada (ADRIÃO, 2010, p. 188-9).

Loução (2007) amplia a concepção da crença milenarista de Joaquim de Fiore, e argumenta que tal profecia influenciou profundamente a cultura portuguesa, preservando sua mística nos símbolos dos monumentos portugueses e nas festas populares dedicadas ao Espírito Santo, comuns em todo o país.

Todas as localidades investigadas possuem o seu caráter místico, e têm uma conotação amplamente amparada na tradição do Quinto Império. Um exemplo claro é a Quinta da Regaleira, este místico jardim, que congrega símbolos de diversas religiões, sofre grande influencia do mito do Quinto Império, em que todas as religiões do mundo se unificariam em plena base de igualdade e fraternidade. Assim acontece com os símbolos do Mosteiro dos Jerônimos, que, assim como a Quinta da Regaleira, apresenta uma infinidade de símbolos místicos e esotéricos, fornecendo margem para a tradição do Quinto Império.

Tal mito leva também para uma interpretação mística da Praça do Comércio, que pode ser interpretada dentro dos parâmetros da crença popular do Quinto Império. Segundo Adrião (2010) a arquitetura da praça foi concebida nos moldes de um majestoso templo, que aguarda a chegada do Imperador Universal, que regerá o Quinto Império.

Loução (2007) amplia que esta temática do Quinto Império ganhou ainda mais força quando, no século XVI, o rei D. Sebastião desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir, no Norte de África. O desaparecimento deste rei marca o início da decadência do império português, que, inclusive seria anexado à Espanha. O rei da Espanha impôs a tese de que era o herdeiro do trono português. Entretanto, o povo descontente com a situação, aderiu à crença de que D. Sebastião voltaria como imperador universal e devolveria toda a glória do império português. Tal crença se difundiu com as citadas teses milenaristas.

Toda esta temática abre margem para uma nova linha de pesquisa, amparada sobretudo na temática do mito do Quinto Império, e a sua interpretação nos símbolos dos monumentos portugueses.

Apesar dos resultados nos levarem para outro campo de interpretação simbólica, o que não é propriamente maçônico por falta de fontes históricas, seria possível fazer uma leitura de todos estes símbolos dentro da simbólica maçônica, entretanto, não estaríamos de acordo com as fontes bibliográficas que se apresentam.

Por outro lado, a investigação chega à conclusão de que os símbolos maçônicos estão muito presentes, principalmente nos canteiros de obras das antigas igrejas medievais, como no caso do Mosteiro dos Jerônimos, com as marcas em pedras. Tais marcas também são encontradas por outras igrejas espalhadas por Portugal, exemplo disso são algumas igrejas situadas no Porto, em Coimbra e Faro. Tais sinais em pedra são análogos uns aos outros, independentemente da região em que se encontram. Esta verificação pode dar margem para os historiadores que admitem que a Maçonaria tenha surgido destes canteiros de construção, e que os mesmos compartilhavam de certos sinais para identificar o devido construtor. Este período é denominado de Maçonaria Operativa, ou seja, os antigos maçons construíam igrejas, e cada maçom possuía sua marca para distinguir o seu trabalho dos demais.

THE SYMBOLISM OF HISTORICAL MONUMENTS IN PORTUGAL: A STUDY OF THE POSSIBLE PRESENCE OF MASONIC SYMBOLISM

Abstract: *here they are some results that were obtained during the execution of an Abroad Research Internship issued by the Research Foundation of the State of São Paulo (FAPESP), from March to June 2013. This research was based on the historicity of literature sources and such a study sought genuine Masonic symbols featured on three Portuguese monuments through technical visits. After data collection and frequent meetings with counselors, we also looked for the opinion of other Portuguese experts. The preliminary results highlighted that those symbols are part of a long collection*

of mystical ones. However, for lack of bibliographic references that could eventually certify those evidences, we can't regard those symbols as part of Masonic culture. Nevertheless, these signs that were found at the foundations rocks of several buildings can attest the Craft Masonry historicity.

Keywords: *Symbology. Architecture. History. Freemasonry. Psychology*.

Referências

ADRIÃO, Vitor. *Lisboa insólita e secreta*. Versailles: Jonglez, 2010.

ALVES, Ana Maria. *Iconologia do poder real no período manuelino*: à procura de uma linguagem perdida. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985

ALVES, José. *O Mosteiro dos Jerónimos I* - Descrição e Evocação. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

_____. *O Mosteiro dos Jerónimos II*- Das Origens à Actualidade. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

AMARANTE, Eduardo. *Universo mágico e simbólico de Portugal*. Portimão: Apeiron Edições, 2013.

ANES, José, et al. *Quinta da Regaleira*: história, símbolo e mito. Lisboa: Fundação Cultursintra, 1998.

CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus*: mitologia primitiva. São Paulo: Palas Athena, 2010.

DOLTO, Françoise. *Os evangelhos à luz da psicanálise*. Campinas: Versus, 2011.

FARIA, Miguel, et al. *Do terreiro do paço à praça do comércio*: história de um espaço urbano. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.

FULCANELLI. *O mistério das catedrais*. São Paulo: Madras, 2007.

GAMA, Henrique Dinis. *Baixa-Pombalina*: a luz obscura do iluminismo. Lisboa: Caminho, 2005.

GANDRA, Manuel, et al. *Siglas e marcas lapidares*: subsídio para o corpus lisitânico. Lisboa: Cadernos da Tradição, 2001.

GRÉMIO LUSITANO. James Anderson. Lisboa: Grémio Lusitano, 2011.

_____. *As origens da maçonaria especulativa*. Lisboa: Grémio Lusitano, 2010.

_____. *Do convento da santíssima trindade à cervejaria*: ou a descoberta da descrição maçónica. Lisboa: Grémio Lusitano, 2008.

LOUÇÃO, Paulo. *A alma secreta de Portugal*. Lisboa: Ésquilo, 2007.

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. São Paulo: M. Fontes, 2003.

MATOS, Jorge et al. *Portugal misterioso*. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1998.

MOORE, Duncan. *A guide to masonic symbolism*. Surrey: Lewis Masonic, 2009.